

O Falcão.

O falcão constitue um dos generos em que se divide a ordem das aves de rapina diurnas.

Querem alguns que a denominação dada a estas corajosas aves provenha da palavra *falcatus*, que significa proximamente cousa que se encurva e se faz circular a modo de fouce roçadoura, porque o falcão vôa rodeando; outros derivam a palavra falcão de *falx*, porque as garras do falcão são compostas de unhas revoltas, tambem á maneira de fouce. (¹)

Ha differentes especies de falcões, distinguindo-se oito principaes; a saber: falcão *commum*, falcão *nebri*, falcão *borni*, falcão *sacro*, alfaneque, gerifalte, aleto, e falcão bafari ou tagarote. Todos diversificam, mais ou menos, na grandeza, na figura, na côr da plumagem, etc.; mas, em geral, póde dizer-se que os caracteres essenciaes d'este genero de aves de rapina são: cabeça grossa, bico curto e revolto, guarnecido na base de uma membrana carnuda, olhos algum tanto avermelhados, pernas compridas e empennadas, pés amarellos, o corpo cinzento ou tirante a negro, algumas vezes ruivo ou açafroado e alvadio, e salpicado das ditas côres.

O falcão commum encontra-se em França, na Allemanha, na Suecia, na Islandia e nas ilhas do Mediterraneo.

Os das regiões do norte da Europa são mais corpulentos e mais valentes.

Rarissimas vezes se aproximam estas aves da terra; de ordinario pousam nos cabeços mais altos e isolados; n'aquelles que encontram mais expostos ao sol é que os falcões costumam edificar seus ninhos, depondo as femeas de cada vez quatro a cinco ovos brancos, sarapintados de preto.

A incubação dura mui pouco tempo, e apenas os filhos podem voar, expulsam-os os paes, obrigando-os a alongar-se do paiz em que vivem.

De todas as aves de rapina conhecidas são os falcões não só os que apresentam fórmas mais esbeltas, mas tambem os mais audazes e os mais ageis. Releva advertir que o falcão macho é menos corpulento que a femea da sua especie.

Os falcões podem domesticar-se, e são susceptiveis

(¹) Bluteau, *Vocabulario*.

de certo ensino; antigamente usavam-se muito os falcões nas caçadas, industriando-os os caçadores para este mister conforme a sua particular inclinação e destino que lhes pretendiam dar, de sorte que havia falcões *garçoeiros*, falcões *grueiros*, falcões *perdigueiros*, etc.

VIAGENS

EXPLORAÇÕES NA AFRICA CENTRAL.

(Continuado de pag. 95).

Diante do nosso viajante abria-se uma campina esteril e devastada, semeada de grandes pedras negras, á qual se seguia algum mato, de entre o qual surdiam bellos antilopes, depois quebradas, e ondulações de terreno cobertas de rochedos; mas o monte Idinen estava mais longe do que se lhe afigurára; e a base da encantada montanha parecia recuar á medida que elle avançava. Eram dez horas, e o calor começava de apertar; não havia sombra em parte alguma; Barth, cançadissimo e contrariado, appellando para toda a sua energia, desceu ao fundo de uma quebrada que lhe cortava o caminho, e trepou para o outro lado. A final, mui fatigado já, chegou ao cume do Idinen; nem esculpturas, nem inscripções; apenas um lance de vista magnifico: mas para qualquer lado que dirigisse os olhos não descobria vestigio algum da caravana. Assentou-se um momento para descançar e tomar uma breve refeição; mas, por infortunio, nem o biscouto, nem os figos estavam em estado de se comer, e a agua que levava era tão pouca, que não pôde matar-lhe a sêde. Entretanto ía-se passando o tempo; e receiando que os da caravana tivessem proseguido a marcha julgando-o na dianteira, tornou a descer, mettendo-se pela quebrada que, segundo as indicações dos guias, ia dar ao poço; era então quasi meio dia, abrazava o calor, o viajante tinha uma sêde ardentissima, e a pouquissima agua que bebêra não lhe restaurára as forças. Alfim chegou ao fundo do valle, mas nem viv' alma. Incerto sobre a direcção que tomasse, gritou, subiu a um cabeço coberto de mato, disparou as pistolas, mas ninguem lhe correspondeu. Lufadas de rijo vento leste açoutavam-lhe e queimavam-lhe as faces. Atravessou alguns monticulos de areia, trepou a outra altura, e atirou um tiro. Nada de resposta. Suppondo que a caravana se conservasse ainda a leste, tomou esta direcção. N'este sitio o valle era fertil, e ostentava luxuosa vegetação; a um lado existiam algumas cabanas feitas com ramos de ethel. Barth dirigiu-se pressuroso para o sitio d'ellas; estavam vasias. Inteiramente exhaurido de forças, assentou-se na extrema de uma planura escalvada, d'onde devassava todo o valle, e esperou, confiado, a caravana. Houve um momento em que julgou ver uma fileira de camelos; era apenas uma illusão. Ia já a sumir-se o sol. Pois que não podia dar passada sem sentar-se, tratou de escolher, entre as cabanas, e um ethel, que havia a pouca distancia, logar para passar a noite; preferiu a arvore por estar em sitio mais sobranceiro, dominando mais vasto espaço; quiz accender lume, mas não se achou com forças de juntar a lenha necessaria; ardia em febre, e estava mui desconsolado.

Depois de estar sentado no chão uma ou duas horas, diz elle, levantei-me quando era noite fechada; olhando em roda, descobri, com grande alegria minha, um grande clarão para o sudoeste, ao fundo do valle. Na esperança de que fossem os meus companheiros, disparei a minha pistola para lhes dar signal, contando que lhes chegasse aos ouvidos o echo do tiro repetido longamente; mas tudo se conservou silencioso; eu via a chamma erguer-se para o ceo, e indicar-me onde encontraria a salvação, sem poder tirar partido d'este signal. Após longo esperar, disparei segundo tiro, que teve o mesmo resultado. Deitei-me no chão, resignado, entregando a vida á mercê do Todo Poderoso. Mas em vão busquei conciliar o somno; inquieto, ardendo em febre, rebolava-me pela terra, esperando com anciedade e terror o alvorecer do dia seguinte. A final esta tão comprida noite chegou ao seu termo: começava a despontar a aurora; por toda a parte serenidade e silencio; julguei ser o momento mais opportuno para dar signal aos meus amigos; enchi-me de animo, carreguei a pistola até á bocca, e atirei primeira, segunda vez. A bulha parece-me que seria capaz de levantar os mortos da sepultura, tão estrondosamente repercutida foi pelas montanhas de em torno: mas, ainda d'esta vez, nenhum resultado! Eu não sabia bem calcular a distancia, consideravel apparentemente, que me separava dos meus companheiros, pois que não haviam ouvido os tiros. O sol, que ao mesmo tempo desejára, e esperava com certo susto, ergueu-se magestoso. A minha situação tornou-se mais penosa com o calor; eu arrastava-me, mudando a cada instante de posição, para gozar uma pouca de sombra debaixo dos ramos sem folhas da minha arvore. Ao meio dia apenas havia uma restia de sombra para abrigar a cabeça; padecia todas as torturas da sêde; chupei até um pouco do meu sangue! A final, como que perdi os sentidos, caíndo n'uma especie de delirio que não me abrandou senão quando o sol se sumiu por detraz das montanhas. N'este momento tornei a mim, e arrastando-me de debaixo da arvore, alonguei um olhar melancholico para a planura; eis que de repente ouço o grito de um camelo. Nunca em minha vida ouvíra mais deliciosa musica. Ergui-me um pouco do chão, e vi um tarki passar perto de mim, mirando tudo em roda. Elle seguíra os meus vestigios na areia, mas depois os perdêra no solo pedregoso, e já não sabia em que direcção devesse procurar-me. Abri a bocca resequida, e bradei tanto quanto m'o permittiram as minhas forças exhauridas: *Aman! aman!* (agua! agua!) Tive a fortuna de ouvir a resposta: *Iwah! iwah!* e dentro de alguns instantes o tarki achou-se ao meu lado, lavando-me e regando-me a cabeça, e ao mesmo tempo eu soltava um grito involuntario e não interrompido de *el hamdu lillahi! el hamdu lillahi!*

O salvador de Barth deitou-o em cima do camelo, e abalou para a caravana, onde já tinham perdido a esperança de tornar a ver o viajante imprudente que, por espaço de tres dias, quasi que nem pôde fallar nem comer, tão resequida tinha a garganta. Pouco a pouco todavia restauraram-se-lhe as forças, e quando chegaram a Ghat reassumira elle já todo o seu vigor.

Ghat, ou Rhat, querendo reproduzir em toda a pureza a pronuncia indigena, não é cidade grande; tem apenas duzentas e cincoenta casas; todavia o seu commercio é importante, e mais o seria ainda, se o ciume dos tawatis, habitantes de um oasis situado a oeste no deserto, não lhe cortasse o caminho directo de Timbucktu. É situada n'uma linda posição, com formosos jardins e bosques de palmeiras, ao pé da longa linha pedregosa dos montes Akakus: mas a cultura não tem alli o desenvolvimento, que poderia ter com mais desvelos e melhor distribuição de aguas. Depois de alguns ajustes com os chefes tawareks, a expedição pôde proseguir na marcha através do deserto, caminhando ora por planicies de areia e de seixos, ora por fundas quebradas ladeadas de montanhas cyclopeas: as tempestades de areia, os maravilhosos effeitos da miragem eram os accidentes mais vulgares da marcha. Algumas vezes, quando fa-

zia mais intenso calor, acampavam ao meio dia, marchando á claridade do luar. Á medida que avançavam para o sul, a mudança de clima tornava-se mais sensivel: entre as palmeiras e os *ethels* viam-se arvores e plantas que marcam a transição do deserto para as regiões tropicaes; encontravam-se grandes rebanhos de bois silvestres, e de abestruzes; ainda mais, ao sul do Aïr, começaram de apparecer as primeiras girafas. Rebombava o trovão, toucavam-se de nuvens os pincaros dos montes; e todavia as tempestades de areia eram mais frequentes que as chuvas torrenciaes.

Além de Asiú as difficuldades naturaes achavam-se em grande parte vencidas; outros perigos esperavam, porém, os viajantes: os tawareks, contidos até então por negociações e presentes, tornavam-se cada vez mais exigentes; bandos temiveis aproximavam-se de vez em quando da caravana, emissarios d'elles se intromettiam com os companheiros dos europeus, procurando despertar-lhes o fanatismo. Á noite acampavam em ordem de batalha, as peças do barco eram collocadas de modo que podessem proteger as barracas, sendo mister ficar de vigia aos quartos, para acudir a um ataque, ou ao menos evitar o roubo dos camelos. Se não foram as suas excellentes espingardas armadas de bayonetas, que principalmente atemorisavam os salteadores, os viajantes não franqueariam impunemente as fronteiras do Aïr ou Asben, tão infestadas de ladrões. A final Annur, chefe de Tintellust, mandou uma escolta, com o que os nossos viajantes poderam entrar a salvo n'esta cidade, uma das mais consideraveis do Aïr, depois da capital Agadés.

Visitar Agadés era um dos fins da expedição. Barth obteve licença para reunir-se a uma caravana que se dirigia para esta cidade, e para lá partiu, levando comsigo alguns presentes com destino ao sultão de Aïr, para d'elle sollicitar cartas de recommendação aos regulos das terras circumvisinhas.

O Aïr offerece uma successão alternada de valles feracissimos e montanhas graniticas. Setembro é alli a estação das chuvas abundantes, mostrando que este paiz pertence tanto á região do Soudan, como ao deserto. Os bois são de uso frequentissimo, innumeros os antilopes; chacaes, macacos, lebres, pombos e cysnes bravos taes foram os animaes que Barth teve occasião de ver. Tambem encontrou leões: o leão de Aïr é, porém, de pequeno corpo, sem juba, e timido. Nos valles, a par de formosos grupos da palmeira chamada *dum*, o viajante encontrou um notavel specimen da arvore que em Hausa denominam *baure*, a qual todavia não deve confundir-se com o baobab de Adamson. É uma especie de figueira, de folha espessa, e de um verde lindissimo. Aquella que Barth mediu tinha vinte e seis pés de circumferencia a oito pés do terreno, e oitenta pés de altura, terminando em uma basta e immensa copa. O asclépias gigantesco, que só se encontra nos logares susceptiveis de cultura, dava testimunho da fertilidade do solo. Onde as arvores estavam menos juntas o chão via-se coberto de melões silvestres. Aqui e alli observavam-se alguns campos de trigo, restos de uma lavoura que em outro tempo teve mais extensão do que hoje. Uma caravana gasta de Tintellust a Agadés sete dias.

Perto da estrada que communica uma e outra cidade jazem as ruinas de Asodi, que ainda não ha muitos annos tinha grande fama de grandeza e importancia. Das suas seis mil casas de barro e pedra apenas oitenta, pouco mais ou menos, são habitadas agora.

Agadés, essa cidade situada na extrema do deserto e do Soudan, ponto de reunião das raças mais differentes na origem e na indole, jaz egualmente em um estado de completa decadencia. Admirára Barth de longe o seu soberbo minarete; os arabes lhe haviam dito que a illustre cidade contava outr'ora setenta mesquitas; mas sessenta estão hoje abandonadas e em ruinas, bairros inteiros desertos, e nas muralhas demolidas, no logar meio vasio dos mercados, enormes abutres de pescoço pellado e vermelho espreitam a presa, sem serem incommodados. A cidade está edificada em uma chã elevada; não remonta a sua fundação além do seculo XIV, parecendo dever attribuir-se aos bereberes, que a tornaram entreposto de commercio florescente com Gogó, antiga capital do vasto estado de Songhay, e situada a oeste, pouco mais ou menos, na mesma latitude, sobre o Niger. A sorte de Agadés está ligada á d'esta cidade. Ha cêrca de setenta annos Gogó caiu em poder dos terriveis tawareks, que a despovoaram destruindo-a. D'esta data começou Agadés a declinar; a sua população, tanto de origem berebere, como da raça negra de Songhay, emigrou para o sul, e mórmente para as cidades do Hausa, que havemos de percorrer no decurso d'esta viagem, Katsena, Tasawa, Maradi, Kanô. Hoje contém, segundo o calculo de Barth, sete mil almas apenas.

A situação do sultão de Agadés é na verdade singular. A sua eleição depende, e já era assim no tempo de Leão o Africano, do capricho e das intrigas dos chefes tawareks. A propria cidade não tem voto deliberativo n'estas circunstancias. Os seus turbulentos vassallos estabeleceram como principio, que o sultão seria escolhido em uma familia da alta nobreza, que, segundo a tradição, proveiu outr'ora de Stamboul, mas que não vive, nem em Agadés, nem mesmo no Aïr: já se vê quanto deve ser precaria a situação d'este soberano cercado de tribus sempre em guerra. Abd-el-Kader, sultão á investidura do qual Barth assistiu, já tinha reinado, pois fôra deposto, e o foi novamente tres annos depois da visita do viajante. As rendas d'este triste soberano consistem no *kulabu* (é a contribuição de um couro de boi que deve offerecer-lhe cada familia por occasião da sua coroação), em um tributo mais consideravel, mas muito incerto, levantado sobre a tribu infame dos imghads, ilotas do Aïr, em direitos sobre os carregamentos dos camelos que entram em Agadés, exceptuando comestiveis, em um pequeno imposto sobre o sal, grande artigo de commercio em toda esta parte da Africa, em fim nas multas impostas aos desertores, ás tribus independentes, e em geral sobre todos aquelles que são mais fracos. Eis-aqui o pessoal da sua corte: o *kokoygeregeré*, especie de visir que recebe um imposto lançado sobre as mercadorias importadas na praça, e acompanha a caravana de sal que parte de Agadés para Sokoto; o *kokoy-kaina*, chefe dos eunucos; os *fadawa-n-derki*, ajudantes de campo; um *kadi* e cheiks de guerra.

O sultão Abd-el-Kader era um homem bondoso, pouco energico, mas com um certo ar de dignidade. Abd-el-Kerim (*servo do misericordioso*), isto é, Barth, porque o europeu tomára este nome mais commodo para os indigenas, foi-lhe apresentado em audiencia. Na entrevista ostentou o viajante todo o luxo do seu africano traje; sandalias ricamente bordadas, albornó branco sobre *tabé* preto. O sultão vestido com uma camisa parda e uma tunica branca, com a cabeça embrulhada em um chale da mesma côr, recebeu-o em uma sala terrea, cujo tecto era aguentado por duas columnas massiças de barro, de fórma primitiva, adelgaçando até ao singelo capitel que as coroava. Estava elle assentado entre uma das columnas e a parede. Depois do cortejo, o viajante tomou assento, e travou-se a conversação em lingua hausa, que é uma das que tem mais frequente emprêgo em Agadés. Barth declarou que a Inglaterra, posto que

collocada a grande distancia, desejava entrar em relações de amizade e de commercio com os cheiks e homens poderosos de todo o mundo. O sultão disse que no seu remoto paiz nunca ouvíra fallar da Inglaterra, apesar de todo o seu poder, nem imaginára sequer que a polvora ingleza de lá lhe viesse. Maravilhou-o que em tão tenra edade Barth houvesse realisado já tão grandes viagens, mostrou-se indignado ao ouvir a narração das exacções a que os tawareks da fronteira d'Asben tinham exposto os viajantes, e pareceu constantemente animado da maior benevolencia. Mais tarde, quando, após vinte dias de residencia em Agadés, Barth quiz retirar-se da cidade, o sultão, instado para escrever ao governo inglez, contentou-se com fazer promessas vagas, que aliás não cumpriu; mas entregou ao seu hospede, para o sultão de Sokoto e outros cheiks, cartas de recommendação que, se não foram de muita efficacia, patenteavam ao menos a sua boa vontade.

Em geral, não tomando em linha de conta alguns accessos de fanatismo excitados pela presença dos christãos, a população de Agadés mostrou-se assás obsequiosa: conhece-se que ao sangue berebere está mesclado o de raças mais amoraveis. Barth encontrou até entre os habitantes homens de bastante intelligencia, dos quaes pôde tirar alguns esclarecimentos uteis sobre os paizes situados a grande distancia. Um dos indigenas dos valles do Aïr, com o qual teve occasião de conversar ácerca do Egypto, que este visitára em uma romagem, reconhecia a superioridade da civilisação d'este paiz sobre o seu; mas tinha observado tambem, que a miseria é mais frequente nos grandes centros de população, e acrescentava com certo orgulho, que poucos homens em Aïr seriam tão pobres como uma classe inteira da população do Cairo. Um outro, *mallem* tolerante, qualidade que não é muito vulgar n'esta classe religiosa de letrados musulmanos, comprazia-se, nas suas frequentes conferencias com Barth, em encaminhar a conversa para objectos de religião. Um dia manifestou elle profundo espanto de observar tanta animosidade entre musulmanos e christãos, existindo aliás tão grande analogia em alguns pontos essenciaes das respectivas crenças. «É porque, respondeu Barth, os homens em toda a parte ligam mais importancia ás praticas exteriores do culto, que aos proprios dogmas da religião.»

Todos os rapazes frequentam as escholas e recebem a instrucção; mas é a instrucção musulmana, consistindo apenas na leitura e estudo do livro sagrado. Muitas vezes, ao atravessar a cidade, Barth ouviu reboar as vozes esganiçadas d'umas cincoenta crianças, repetindo com energia e enthusiasmo os versiculos do alcorão, que seu mestre lhes escrevêra em pequenos quadrosinhos de madeira.

Os habitantes de Agadés assimilham-se tambem com os povos do Soudan no decidido gosto que mostram pela dança e pela musica. As mulheres não estão sujeitas a reclusão, com o que muito padecem os costumes. Depois da partida do sultão para uma expedição contra as tribus visinhas, nem por tal motivo as mulheres tiveram mais recato a respeito do viajante. Uma manhã cinco ou seis vieram a sua casa fazer-lhe proposições mais que levianas. Duas d'ellas, diz Barth, eram devéras formosas e bem feitas, com bellos cabellos negros em tranças, olhos animados e excellente côr; mas eu sabia assás a reserva com que um europeu deve comportar-se n'estes paizes para ser respeitado, e por isso não me deixei seduzir pelas estouvadas raparigas. O melhor, para quem visita estas regiões, acrescenta Barth, já para conveniencia propria, já para impor respeito aos indigenas, seria cada um trazer a mulher comsigo: os naturaes, em sua simplicidade, não podem crer que alguem viva só: os tawareks do oeste, que em geral tem costumes mais austeros, e bem differentes dos de Kelowi, só me lançavam em rosto o celibato em que vivia.

Todas as obras de couro são manufacturadas por mulheres, exceptuando as de selleiro, e nos mercados de Agadés encontra-se larga cópia de productos elegantes e delicadamente executados por suas mãos. Grande quantidade de pequenos objectos de madeira, como copos, pratos e colheres, revelam, na belleza da fórma e no luxo da ornamentação, o gosto dos artifices de Aïr. Nos mercados da cidade não se empregam como intermediarios dinheiro nem buzios, mas milho miudo, duka e outras especies de cereaes. A mesquita principal, cujo minarete denuncia ao longe a cidade de Agadés, não foi de accesso facil para o viajante: comtudo concedeu-se-lhe o favor de ver de perto este minarete, que é um dos mais curiosos specimens de architectura africana. É uma torre quadrada e de largura de trinta pés, largura que vae diminuindo para a parte superior, mas conservando uma certa curva no meio do edificio, cujos lados descrevem tambem linhas ligeiramente curvas. Terá talvez noventa ou noventa e cinco pés de altura; ergue-se do terraço formado pelo tecto pouco levantado da mesquita, no interior da qual o aguentam quatro pilares massiços. Sete janellas, abertas a cada um dos lados, lhe dão claridade. Esta immensa construcção é toda de barro. Para lhe dar mais solidez, dispozeram-se de andar em andar treze fileiras de troncos de palmeira, que a atravessam em toda a largura, segurando as paredes entre si. As extremidades d'estas vigas resáem exteriormente tres ou quatro pés, o que augmenta o effeito extravagante que produz o monumento.

Depois de haver visitado miudamente Agadés, e colligido ampla colheita de factos interessantes, o doutor Barth, munido das cartas de recommendação do sultão Abd-el-Kader, voltou a Tintellust, acompanhado dos guias, pelo mesmo caminho que já seguira. N'esta cidade encontrou seus companheiros, com os quaes em breve retomou o rumo do sul.

GRANADA.

Granada, capital do antigo reino, e hoje capitania general do mesmo nome, é uma grande e ainda importante cidade do estado visinho, situada a 360 kilometros (72 legoas) ao S. de Madrid, cêrca da confluencia do Darro e do Xenil, e no meio dos vastos e feracissimos campos denominados *la vega de Granada*.

Se é difficil encontrar na peninsula povoação collocada em mais pittoresca e deleitosa posição, tambem poucas lhe levam vantagem, se é que a egualam, nas romanticas recordações que o seu aspecto suscita.

A historia de Granada era digna de uma epopea; mas á falta d'ella, restam-lhe magestosas muralhas, palacios encantados, jardins deliciosos; e por ventura o seu immenso livro de pedra representa melhor o passado glorioso, as tradições romanescas da raça generosa que alli obrou tantos prodigios de valor, e soube levantar tão preciosos monumentos de bom gosto, do que poderia fazel-o o mais acabado poema.

Fundada no seculo X pelos mouros, Granada fez parte do califado de Cordova até 1235. N'este anno Aben-el-Hamar (Mohammed I) aproveitando o estado de anarchia da Hespanha musulmana, creou sobre as ruinas do imperio dos almuhades o novo estado d'aquelle nome, separando-se da dependencia de Cordova.

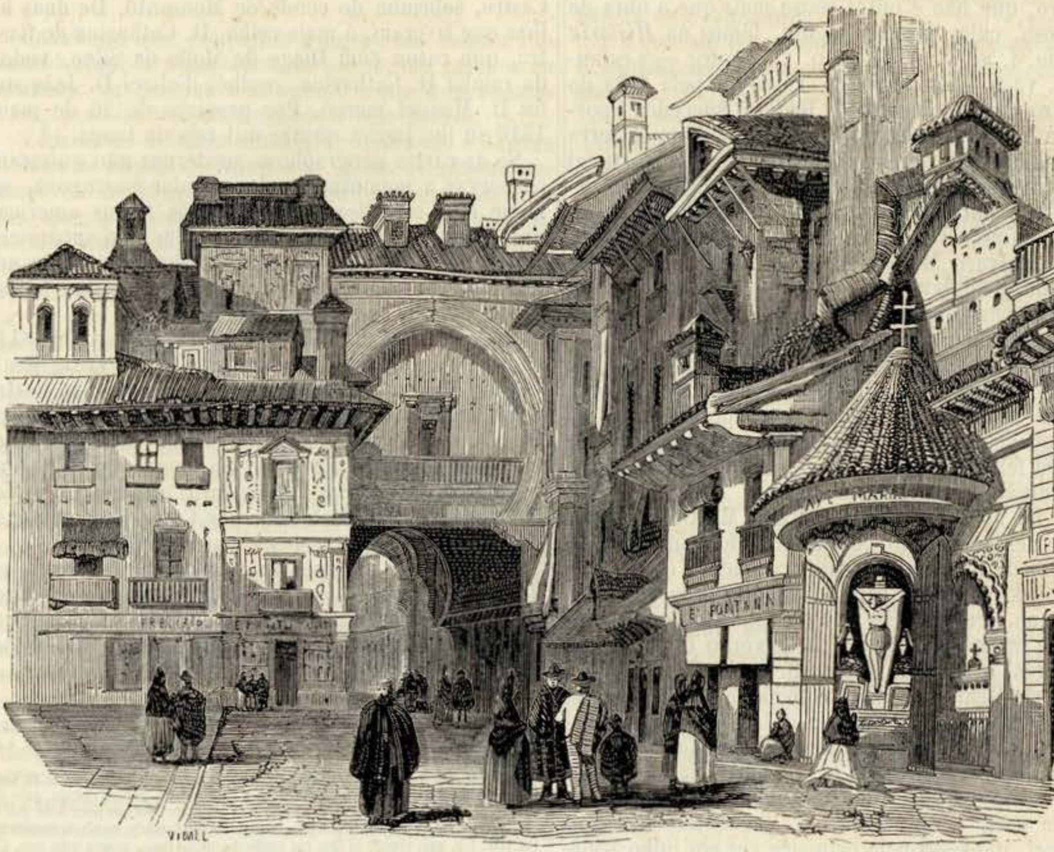
Mas em 1245, receando talvez não poder fazer rosto

aos demais estados musulmanos e christãos que o rodeavam, celebrou estreita alliança com os ultimos, obrigando-se outrosim a ajudal-os nas suas guerras contra o califa de Cordova e outros reis musulmanos. Esta alliança, mal vista pelo povo, concorreu efficazmente para a anniquilação dos musulmanos na peninsula. Os christãos, destruidas as forças do califa, introduzida a zizania entre os filhos do islam, divididos e desconcertados, facil lhes seria desfazerse do seu imprudente alliado. Foi o que aconteceu. Continuas dissenções, e quasi perpetuas conjurações e revoltas, promovidas por aquelles que a presente degeneração dos descendentes dos audazes conquistadores da Hespanha desconsolava e enchia de justa indignação, foram enfraquecendo e estreitando a área dos dominios de Granada, que a final se reduziam á capital, e a algumas pequenas cidades convisinhas.

Ainda assim Granada sustentou-se contra todos os elementos que conspiravam para a sua destruição, até que, reinando Boabdil (Abu-Abdallah Mohammed), depois de um longo e apertado assedio, abriu as portas ao castelhano vencedor, correndo o anno de 1492.

Sob o dominio dos mouros não só Granada se elevou a extraordinario auge de grandeza e influencia, chegando a cidade a contar mais de 400:000 habitantes, mas tambem tornou-se singular pelo desenvolvimento da agricultura, e pelos progressos de outras industrias, mórmente a dos tecidos de seda, que em parte alguma do mundo se fabricavam então, nem de melhor qualidade, nem de mais delicado gosto.

Pelo que respeita ás boas artes, o que nos resta, apesar de deturpado e profanado em muita parte pelo vandalismo ignorante ou pelo fanatismo parvo,



Granada.

basta para poder avaliar com segurança até que altura subiu aquella nobre gente granadina.

Com effeito a Alhambra e o Generalife só per si seriam sufficientes para acreditar o adiantamento artistico de um grande povo.

Como já a pag. 201 do 1.º volume d'este semanario démos uma succinta descripção da Alhambra, para ella remettemos o leitor curioso.

Não se resume, porém, n'aquelles dois monumentos, aliás preciosos specimens de architectura arabe, o que o forasteiro tem a ver e a admirar em Granada. São obra dos mouros tambem a ponte sobre o Darro, construcção singela, elegante, e de um estilo propriamente original, digna entrada da cidade de Boabdil, e a porta da praça de Viva Rambla, illustrada pelos cavalleirosos feitos de Gonçalo de Cordova, a qual está fielmente representada na nossa gravura.

Posto que erigidos em epocha mais recente, e n'um systema architectonico mui differente, merecem particular attenção o palacio archiepiscopal, a sé cathedral, varios outros templos, e o solar dos duques de Medina Cœli.

Granada está hoje em decadencia; todavia conta ainda uns 80:000 habitantes, e é de crer que, graças aos caminhos de ferro e outros melhoramentos, esta povoação, a tantos respeitos interessante, readquira em grande parte a perdida importancia.

DESCOBRIMENTO DA TERRA-NOVA.

Um dos mais antigos historiadores dos descobrimentos dos portuguezes no Atlantico é o doutor Gaspar Fructuoso, que floresceu por fins do seculo XVI, e cuja obra com o titulo de *Saudades da Terra* deixou e está inedita.

O jesuita Antonio Cordeiro, quando em fins do seculo XVII esteve no collegio da companhia de Jesus

da cidade de Ponta-delgada da ilha de S. Miguel, onde existia o livro de Fructuoso, foi d'elle que tirou o que depois publicou em 1717 com o titulo de *Historia Insulana*, onde a p. 1, referindo-se ao primeiro, diz: *manuscripto.... que vi com attenção, e todo fielmente copiey.*

Pelas confrontações que temos podido fazer entre as duas obras, adquirimos a convicção de que a ultima não é senão a summa da primeira. Cordeiro seguiu sempre servilmente Fructuoso.

Quanto a saber-se quem e quando se descobriu a Terra-nova ou Terra-dos-bacalháos, no exemplar que temos, com incommodos e sacrificios de quinze annos, procurado completar, ainda nos falta o logar em que Fructuoso (liv. VI) trata d'esta materia; logar que tambem se não encontra em nenhum dos fragmentos das *Saudades da Terra*, que conhecemos em bibliothecas de Portugal, inclusivè o da bibliotheca nacional de Lisboa. Recorrendo-se porém a Cordeiro, que não é outra cousa mais que a obra de Fructuoso, cujas pizadas seguiu, lêmos na *Historia Insulana*, l. VI, c. II, § 12, p. 246, que: — «estando.... vaga a Capitania da Terceyra pela falta do primeyro Capitão Jacome de Bruges, succedeu aportarem á Terceyra dous fidalgos, que vinham da terra do bacalháo, que por mandado del-Rey de Portugal tinhão ido descubrir, hum se chamava João Vaz Cortereal, e o outro Alvaro Martins Homem....» — tornando a escrever logo a diante, c. III, § 18, p. 248, que — «Alvaro Martins Homem não era de menos qualidade, e fidalguia que seu companheyro João Vaz Cortereal, pois igualmente a ambos tinha ElRey mandado a descubrir a terra do bacalháo....»

Se estas palavras tivessem fundamento rigoroso, deviamos inferir d'ellas que o descobrimento d'aquella parte da America septentrional se operára cerca da morte ou desapparecimento de Jacome de Bruges, e que fôra feito por João Vaz e Alvaro Martins.

Entretanto nada d'isto é assim.

Não foi João Vaz, nem Alvaro Martins que fez aquelle descobrimento; foi um filho do primeiro. Não foi cêrca da morte ou desapparecimento de Jacome de Bruges, primeiro capitão donatario da ilha Terceira, que a empreza se levou a cabo, foi muito mais tarde, e mesmo na epocha do governo do successor de Bruges, o segundo donatario de Angra, dito João Vaz Corte-Real. Cordeiro, e todos os que o tem seguido, confundiram nomes e datas, como por ventura antes d'elles o fizera Fructuoso, não conhecendo, ou esquecendo todos o que bem claramente já tinha escripto o historiador Damião de Goes, no c. LXVI da parte I, da *Chronica do felicissimo Rei Dom Emanvel*, impressa pela primeira vez em julho 1566.

Foi no reinado de D. Manoel, que Gaspar Corte-Real, segundo filho de João Vaz Corte-Real, donatario da capitania d'Angra, sendo no começo do verão de 1500 (no mesmo tempo em que circunstancias fortuitas levavam Cabral a descobrir as praias de Santa-Cruz), saiu do Tejo com um navio, e chegou em sua navegação ainda além dos 60° de latitude norte. Descobriu, correu, e baptisou toda a terra de *Labrador*, que depois se ficou chamando *Terra-de-Corte-Real*, e acima d'ella a costa que corre até ao *Rio-das-Malvas*. Descobriu tambem a que chamou *Terra* ou *Ilha-dos-Bacalháos*, e algumas outras a ella proximas, que por então se denominaram *Côrtes-Reaes*, e mui provavelmente a pequena ilha á entrada do estreito de *Hudson*, que se chamou *de Caramilo*, corrupção do portuguez *Caramêlo*, neve congelada.

Voltando ao reino repetiu a mesma viagem em 15 de maio do anno seguinte 1501, e como tardasse noticia d'elle, no anno immediato 1502 aos 10 dias de maio saiu de Lisboa em duas náos seu irmão Miguel Corte-Real em procura de Gaspar. Ambos porém tiveram a mesma sorte, ambos desappareceram, e as duas náos que o rei D. Manoel expediu no anno 1503 em sua busca voltaram sem os terem alcançado. Outro irmão, mais velho que os dois, e que succedeu a seu pae na capitania d'Angra, e teve o governo da ilha de S. Jorge, Vasco Eannes Corte-Real, do conselho d'el-rei, e alcaide mór de Tavira, preparava-se para repetir no dito anno 1503 a mesma diligencia e ir em busca dos irmãos; mas D. Manoel não consentiu que cumprisse o seu pio e fraternal proposito. [1]

Vasco Eannes teve entretanto o senhorio da *Terra-nova* ou o titulo de *Capitão donatario da Terra-nova de Crotes-Reaes*, o qual passou a D. Margarida Corte-Real, herdeira da casa, e por ella a seu marido D. Christovão de Moura, conde, e depois marquez de Castello-Rodrigo, que tambem se chamou, e seus descendentes, senhor da *Terra-nova*.

Miguel Corte-Real fôra casado com D. Isabel de Castro, sobrinha do conde de Monsanto. De duas filhas que tiveram, á mais velha, D. Catharina de Castro, que casou com Diogo de Mello da Silva, vedor da rainha D. Catharina, mulher d'el-rei D. João III, fez D. Manoel mercê. Por provisão de 26 de maio 1510 se lhe pagou quinze mil réis de tença. [2]

Se as cartas geographicas modernas não quizeram conservar a memoria do descobridor portuguez, no nome de *Corte-Real* dado áquellas terras americanas, alguns geographos famosos tem sido superiores á paixão do ciume, que n'estas materias como em tantas outras é parte para que se commettam tantas desconsiderações e injustiças.

Pinkerton na sua *Géographie moderne*, ed. de 1811, não só diz que — «no anno de 1500, Corte-Real, capitão portuguez, buscou uma passagem ao norte, e descobriu o Labrador» — mas acrescenta n'outro logar que — «a vasta extensão das costas, comprehendidas entre os 57° e 77° de longit. oeste de Paris, e entre os 52° e 62° de latit. septentrional, foi chamada terra do Labrador por Corte-Real, navegador portuguez, que a descobriu em 1500.»

Finalmente, um que vale todos, Malte Brun, na *Histoire de la Géographie*, l. 32.°, não duvida dizer que — «a idéa d'um estreito ao norte da America, parece ter tido origem nas Relações, ainda mal conhecidas, de Gaspar Corte-Real, navegador portuguez.»

(1) Aqui estão as proprias palavras de Damião de Goes, que nos servem de guia, e que parece o foram egualmente a D. Jeronimo Osorio para a sua obra, que Francisco Manoel do Nascimento traduziu do latim para o portuguez, e em 1804 se publicou com o titulo *Da vida e feitos d'el-rei D. Manoel.*

«Gaspar Corte Real (diz Goes no logar já citado), filho de João Vaz Corte Real, foi homem aventureiro, esforçado, e desejoso de ganhar honra, pelo que propoz de ir descobrir terras para a banda do norte, porque para a do sul tinham já outros descobertas muitas, e assim de sua fazenda, como de mercês que lhe elrei fez, cujo creado já fôra em sendo duque de Beja, armou uma nau, com a qual bem equipada de gente, e de todo o mais necessario, partiu do porto de Lisboa no começo do verão do anno de mil e quinhentos. Nesta viagem descobriu para aquella banda do norte uma terra, que por ser muito fresca e de grandes arvoredos, como o são todas as que jazem para aquella banda, lhe poz nome Terra Verde.... Depois que descobriu esta terra e costeou uma boa parte della, se tornou ao reino; e logo no anno de mil quinhentos e um, desejoso de descobrir mais desta provincia, e conhecer melhor o modo e trato della, partiu de Lisboa aos quinze dias do mez de maio, mas o que nesta viagem passou se não sabe, porque nunca mais appareceu, nem se soube delle nova, a tardança do qual, e má suspeita, que se começava a ter de sua viagem, causaram o mesmo infortunio a Miguel Corte Real, porteiro mór delrei, que pelo grande amor que tinha a seu irmão, determinou de o ir buscar, e partiu de Lisboa aos dez dias de maio de mil quinhentos e dois, com duas naus, sem nunca delle se mais haver nova. A perda destes dois irmãos sentiu elrei muito, pela creação que nelles fizera, pelo que movido de seu real e piedoso moto, no anno seguinte de mil quinhentos e tres, mandou duas naus armadas á sua custa buscal-os, mas nem de um, nem do outro se póde nunca saber onde nem como se perderam, pelo que se poz áquella provincia da Terra Verde, onde se crê que se estes dois irmãos perderam, a Terra dos Corte Reaes. Tinham estes dois irmãos Gaspar e Miguel Corte Real outro irmão mais velho que elles, a que chamavam Vasqueanes Corte Real, que era veador da casa delrei, do seu conselho, capitão e governador das ilhas de San-George e Terceira, e alcaide mór da cidade de Tavira, muito bom cavalleiro, bom christão, homem de singular exemplo de vida e de muitas esmolas publicas e secretas, cujo filho herdeiro é Manoel Corte Real tambem do conselho delrei, e capitão das mesmas ilhas, que ao presente vive. Este Vasqueanes Corte Real não se podendo persuadir que seus irmãos eram mortos, neste anno de mil quinhentos e tres determinou de, com naus á sua propria custa, os ir buscar, mas tendo elrei por escusada sua ida, lho não quiz consentir, nem se procedeu mais neste negocio, por se ter por desnecessaria toda a despeza que se nisso mais fizesse.»

(2) Archivo nacional da Torre do Tombo, Corpo Chronologico, p. 2.ª, m. 22, d. 37.

Em conclusão d'estas breves considerações, que só escrevemos para desterrar equivocos, e com o desejo de ser n'alguma cousa agradavel ao sabio bibliothecario de Munich, M. Kunstmann, acrescentaremos que a denominação de *Terra-de-bacalhão*, que o padre Cordeiro, e provavelmente Fructuoso tambem, deram ás descobertas de Corte-Real, não parece ser, como elles inculcam, denominação contemporanea do descobridor. Sobre ella nada diz Goes, que era d'esse ou de tempos proximos. As *Saudades da Terra* um seculo, e a *Historia Insulana*, dois seculos depois d'aquella descoberta, não fizeram mais que emprestar ás falsas noticias que deram do acontecimento, a linguagem, as denominações que eram já de tempos mui posteriores.

JOSÉ DE TORRES.

O RENEGADO.

XIII.

Cavalleiro que, n'aquelles tempos, não fosse á Palestina receber o baptismo de gloria nas guerras da cruzada, ou guerras d'ultramar, como lhes chamavam, passaria mal considerado e sem porvir.

Caprichoso e temerario, o pae de Mendo e Tristão deixou as hostes de Affonso VI, pelas aventuras memoraveis e apregoadas d'aquellas bravissimas pelejas, que, por serem disputadas em logares remotos, se narravam tão alindadas de perigos assombrosos e apertadas privações, que nenhum coração poderia resistir-lhes, ainda quando o enthusiasmo religioso já de per si só não fosse um estimulo efficaz para taes commettimentos.

Hoje, tibios em todas as nossas affeições, gastos e amollecidos na sensualidade e ignobeis torpezas, descrentes da patria, religião e amor, de necessidade vibrâmos o epigramma contra esses seculos de esfôrço e dedicação, que outra arma não possuimos, quando elles magestosos e illustres vem á nossa consciencia convidar a duello este nosso presente, tão mesquinho, tão pueril e timorato. Esforçados e incançaveis sómente em desatinadas rivalidades, que nos arruinam, fascinados por ambições estereis, que nos dilaceram, cuidadosos mais na fortuna propria, do que na da patria, barateando crenças e honra, demolimos todos os padrões famosos que nos foram legados á custa de muito sangue e abnegação, que elles eram accusadores impiedosos, e luzes que nos não permittiam occultar villanias; e depois, com a insania propria da criança que despedaça uma preciosidade para a converter em objectos de brinquedo, batemos as palmas como se praticassemos uma acção meritoria, de que o futuro aproveitará. Que cegueira! Escravos dos que já fomos reis, coroados de flores e cantando hymnos, nos conduzem para o sacrificio: e nem sequer atravessando os campos tão abundantes de glorias, hoje derribadas, nos pungirá a desolação a que nos condemnaram as innovações e reformas? Valha-nos ao menos a ironia: dissimulemos assim, e sem que offendamos a vaidade, o nosso intimo arrependimento, digamos embora que tudo o que se fez é nada.

Tres annos depois que o senhor d'aquella honra e préstamos se tinha partido para a Terra-Santa, de lá chegaram tristissimas novas ao castello. N'uma arrancada nocturna que os turcos fizeram contra os arraiaes christãos elle perecêra crivado de golpes. Do moribundo trouxe o peregrino, portador de tal noticia, uma madeixa de cabellos e a temida espada.

A magoa da extremosa viuva degenerou em delirio: seu filho Mendo, contando apenas doze annos, como poderia ir vingar o esposo? De imaginação exaltada, aquella dor, allucinando-a, a persuadiu aos maiores desatinos; até que uma noite, enfurecida por visões e terrores, saiu do castello levando nos braços seu filhinho Tristão, de quatro annos d'edade.

Baldadas foram as instancias do velho adail do alcaçar e de Mendo; embrenhada n'aquellas escuras florestas e sarçaes, a desconsolada senhora enlouquecêra. Porém no decimo anniversario da sua orphandade, ouviu Mendo suffocadas preces e gemidos dentro da alcova, que desde a partida do guerreiro ficára inhabitada: forçou a porta, e encontrou sua pobre mãe agonisante. A infeliz a muito custo lhe estendeu as mãos, e n'esse ultimo olhar tão eloquente no moribundo, lhe pediu protecção para o joven, que, de joelhos ao lado do leito, se debulhava em lagrimas.

— Ama-o muito, murmurou a terna mãe; é teu irmão.

Mas logo como se horrendas imagens lhe fuzilassem na alma, bradou tremula e desvairada:

— Mendo, não te macules n'esse sangue.... Compadece-te d'elles, meu Deus.

E n'este supremo esforço, apertando contra o peito o cabello do estremecido esposo, adormeceu para sempre.

XIV

Tristão não residia no castello.

A sua indole bravia e phantasiosa detestava os agrados d'uma vida abrigada e monotona: destemido, exaltado e intratavel, só na solidão dos bosques e penedias achava encantos.

Evitando os seus similhantes, perseguia as feras, e apoderava-se-lhes dos antros. Em pé, no cume do mais erguido despenhadeiro, com a cabeça descoberta, e quasi suspenso no ar, folgava ao ver-se cercado por inflammadas nuvens; e extasiado com os horrores da tempestade, erguia os braços e saudava o Eterno.

Verdade é que por vezes o encontravam no recinto do alcaçar, sem que alguem atinasse por onde entrára. Valendo-se d'um caminho subterraneo, de todos ignorado, penetrava elle até onde jazia o tumulo de sua mãe, aonde o chamavam as fundas saudades, que mais vehementes o atribulavam no proprio lenitivo das suas orações e lagrimas.

Mas o amor, meiga aurora da vida, veiu dissipar-lhe os negrumes do coração indocil; e dourando-lhe a vereda, por onde se lhe arremessaram os desejos atraz da esperança, lhe embellezou asperezas, que o dilaceraram.

Amor, se desces do ceo, porque derivas do soffrimento as tuas particulares delicias?

XV

— Como te quero! A todo o instante meus pensamentos te encontram e vivem comtigo: mil perigos affronto, a morte só temo, que, morto o teu amor, me não acabe tambem. No mimo da flor, que amores sorri, na selva sombria te vejo e admiro; no socego da noite os queixumes da brisa me lembram suspiros, e tua ausencia deploro.

— Ai, Tristão, como é verdade que o amor é um hymno celeste! Da estrella duvido, e da nuvem que foge; do ar e da luz que aquece o meu seio: fugir-te não posso, que do suave tormento d'esta ternura depende minha vida.

E a virgem sentia ardentes osculos beberem-lhe nos labios expressões tão ingenuas; e á similhança da flor com as meiguices da brisa, reclinando a cabeça no hombro do amante, se abandonava aos extremos d'aquelle delirio, em que se devassa o ceo, e se lhe usurpam delicias.

Tinham os dois amantes na sua entrevista buscado o abrigo d'um tendilhão solitario, de elegante cupula, e alçado em finissimos e arrendados esteios, convidados talvez pelo suspirar da fonte, que sobre

a relva chorava, esquivando-se ás caricias que o cinzel amoroso lhe abrira no marmore, como querendo retel-a; deslembrados que o tempo nos maiores prazeres mais accelerado foge, abandonavam suas almas áquelles devaneios, que uma palavra assustam, quando subito se ouviu rumor ao longe, indistincto e continuado. Tristão ergueu a cabeça, e alongou a vista, resguardando a amante; a escuridade era impenetravel, que o ceo era sem lua, e enluctado de nuvens; e a viração, gemendo no arvoredo do esmerado jardim, lhe enviou um como presagio funesto.

O coração de Yeldez comprehendeu-o: a natural timidez da mulher amorosa, lhe acordou na alma um presentimento acerbo, d'esses que ainda no maior jubilo transparecem, e o afugentam.

Repellindo o amante, convulsa e turbada de susto, lhe disse na maior anciedade:

— Foge, foge.

— Fugir quando te ameaça um perigo?

— É meu tio.... Anda buscando-me. Foge, foge, repetiu Yeldez, cada vez mais inquieta com a desobediencia do amado. Queres-te expor? Repara que n'esta lucta vão empenhar-se as duas existencias que eu mais aprecio: não me castigues assim.... Não me associes n'esse sangue; não o quero motivar.... Foge. Tranquillisarei as suspeitas de meu tio, e voltarás ámanhã. Foge, foge.

Quem resistiria a estas supplicas d'um coração adorado, quando derrama lagrimas tão persuasivas? Tristão apiedou-se d'aquella agonia, que o accusava; beijou aquellas mãos geladas pelo terror, e arrancando-se aos seus desejos, saltou o muro, e afastou-se precipitadamente.

Duas horas depois, choravam nos paços do wali a perda de Yeldez, roubada pelos almogavares christãos na sua correria d'aquella noite.

(Continúa).

J. G. DOS SANTOS LIMA.

O ANANAZ.

Coroado rei dos filhos de Pomona
Quão galhardo e formoso
Intonas essa frente de monarcha,
E a purpura dourada
Vestes na linda côr com que te envolve
A rica natureza.

GARRETT.

O ananaz é uma bellissima planta vivaz, originaria da America do sul; os naturaes do Brasil chamam-lhe *naná*, d'onde nós os portuguezes formámos primeiro, e depois as outras nações, a palavra ananaz.

Ha diversas especies ou variedades de ananaz. M. Chaumeton, a quem em parte seguimos n'esta mui breve noticia, póde distinguir quatro; a saber: o ananaz *amarello*, que é o mais vulgar, e o que dá mais saborosos fructos; o ananaz *branco*, cujo fructo oval derrama suavissimo aroma, mas que é no gosto inferior ao antecedente; o ananaz *pão de assucar*, que deve o nome á fórma pyramidal do fructo, e tem um gosto mui agradavel; e finalmente o ananaz *verde*, ou ananaz sem espinhos, cujo fructo é oval, tuberculoso, e se torna amarello quando amadurece: este ultimo constitue a variedade menos apreciada.

A planta do ananaz commum (o amarello) lança folhas *radicaes*, isto é, que partem da raiz, avincadas pelo meio, guarnecidas de bicos pelas bordas, e que se assimilham muito ás da babosa vulgar, posto que menos grossas e succosas. A hastea, que é vertical, d'altura pouco mais ou menos de tres palmos, com algumas folhas curtas, dá flores azuladas juntas em espiga mui fechada. Os bagos amadurecendo soldam-se uns com os outros, e a final compõem um só fructo, da mesma fórma, porém maior que uma pinha, do vertice da qual sae um palmito de folhas, que sendo disposto na terra produz nova planta.

O sabor d'esta deliciosa fruta é diversamente avaliado; comparam-no uns ao do mais fino melão, outros ao do pecego mais delicado ou do alperche mais mimoso; e finalmente alguns querem que elle participe ao mesmo tempo do gosto d'estas que reputámos melhores frutas na Europa. O que é certo, porém, é que o sabor do ananaz é excellente, e que a fruta que conhecemos por similhante denominação merece um dos primeiros logares entre as conhecidas.



O ananaz tem sido tambem apregoado por vezes como remedio decisivo em certas affecções de estomago, nas doenças das vias urinarias, na ictericia e na hydropisia.

O ananaz póde comer-se, ou simplesmente como qualquer outra fruta, posto que, segundo alguns, offereça o grave inconveniente de fazer sangrar as gengivas, ou de conserva em bom vinho e assucar.

Faz-se tambem com esta fruta magnifico doce e geléa; expremendo o seu succo obtem-se uma agradavel limonada, e por meio da fermentação, vinho de superior qualidade.

O ananaz, apesar de ser originario da America, já se cultiva em outras regiões da terra, como, por exemplo, nas nossas formosas ilhas dos Açores e na da Madeira. Em estufa dá-se igualmente com facilidade; mas no gosto fica muito abaixo do que nasce e vive ao ar livre.

Explicação do enigma do numero antecedente.

Gato escaldado d'agua fria tem medo.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4, B.